

BETAR & ARTES LETRAS

Lisbon & Estoril Film Festival

Um festival de cinema cada vez maior... e melhor



Betar

ENTREVISTA
ARQ.
ANTÓNIO NUNES
DE ALMEIDA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



Se com a chegada do frio os eventos ao ar livre tendem a acabar, outros se multiplicam nas salas de arte e espectáculos.

Uma visita ao Palácio da Pena, por exemplo, é agora ainda mais interessante e a proposta não implica andar na rua. A Artes&Letras apresenta-lhe a mais eclética colecção de vitrais do país, com relíquias dos séculos XIV a XIX.

Mas a principal novidade deste mês deverá ser o Lisbon & Estoril Film Festival. Pela primeira vez, e para gáudio do público, o evento estende-se à capital e as antestreias parecem bastante interessantes. Salientem-se os filmes de George Clooney e Pedro Almodóvar.

Na música, juntam-se três dos melhores pianistas portugueses da actualidade num concerto no CCB: Lagina, Burmester e Sasseti. E na dança, o mesmo palco recebe o Ballet National de Marseille.

Nas salas de teatro, destaque para uma história, baseada em factos verídicos, sobre as ilações que uma criança retira dos adultos, depois de um dia perdida na cidade de Lisboa.

Lá fora, o Grand Palais recebe o Paris Photo, evento imperdível para os amantes da fotografia, e o Museu Thyssen-Boernemisza e a Fundação Caja Madrid partilham uma exposição sobre a evolução da arquitectura na pintura do século XIV ao século XVIII.

E, como vem sendo habitual, temos um novo rosto na secção da entrevista. A Artes&Letras esteve no atelier do arquitecto António Nunes de Almeida e ficou a conhece-lo um pouco melhor.

FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
Betar

EDITORIAL

MIGUEL VILLAR

‘Eu gosto de pensar arquitectura e desenvolver projectos. (...) Para mim a obra de arquitectura é uma escultura habitada.’

Conheça um pouco melhor o Arq. **António Nunes de Almeida**.

Por Cátia Teixeira



Palácio da Justiça de Sintra



Cantina do polo universitário da Ajuda

O Arq. Nunes de Almeida completa, este ano, 50 anos de carreira. É mais difícil ser arquitecto nos dias de hoje?

O que é mais difícil é ter trabalho, actualmente. Ao longo deste tempo todo, o que mais mudou foi a tecnologia associada à produção da arquitectura. Quando comecei a trabalhar fazia tudo à mão. Os desenhos eram feitos em papel vegetal, eram apagados, emendados, martirizados, e alguns acabavam mesmo por rasgar e serem deitados fora. A técnica de desenho digital veio facilitar imenso a tarefa dos arquitectos. Os desenhos passaram a ter uma precisão superior. Todos os pontos são marcados por topógrafo e ficam exactamente naquele ponto das coordenadas reais. Antigamente era um mais ou menos e, às vezes, tínhamos de chegar a obra um bocadinho mais para o lado. Os projectos passaram a ser interligados, a relação dos arquitectos com as outras especialidades, como a engenharia, ficou muito mais facilitada, até pela rapidez de transmissão dos dados. Antes tínhamos de tirar cópias e enviar para a BETAR e agora

enviamos um e-mail e temos imediatamente o feedback do engenheiro, que nos diz logo se temos de mudar a viga de sítio ou não. Aumentámos muito a nossa produtividade. O que não acompanhou isso foi o mercado, a procura. Actualmente, no atelier, somos apenas 3 pessoas. Quando precisamos de mais alguém, para um trabalho específico, recorremos a mais alguns arquitectos, e temos capacidade para desenvolver projectos enormes. Por exemplo, o projecto do Palácio da Justiça de Sintra, que tem 32 mil metros quadrados e é dos maiores que se fez em Portugal, foi feito por seis pessoas.

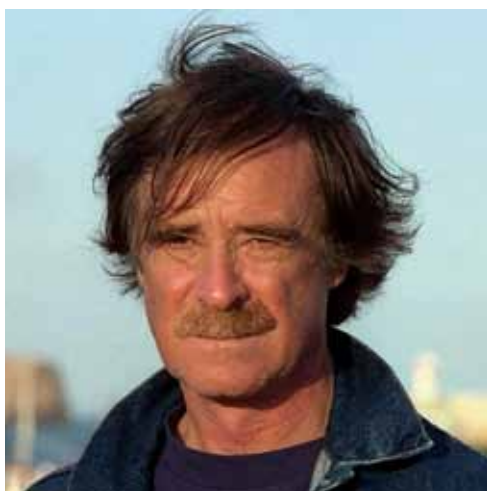
Como é o arquitecto Nunes de Almeida, depois de 50 anos de carreira?

Eu gosto de pensar arquitectura e desenvolver projectos. O mais interessante na nossa profissão é o processo criativo e esse não mudou. Estou bastante atento a tudo o que se passa no mundo, na arquitectura, e sou influenciado por isso, mas há coisas que se mantiveram. Olho muito para os aspectos

que têm a ver com a volumetria final. Para mim a obra de arquitectura é uma escultura habitada. Por exemplo, no edifício do Lloyds Bank, que ganhou o prémio Valmor, eu tentei reinterpretar o plano que me pediam dando-lhe um carácter volumétrico. Já nesse edifício de verifica uma força bastante grande dos aspectos escultóricos. É isso que me continua a interessar ainda hoje. O que me dá prazer e me faz ter orgulho no que fiz é poder passar, hoje, na avenida e olhar para o edifício. Até porque foi muito complicado aprovar o projecto na Câmara Municipal. O edifício deveria enquadrar-se num plano que a Câmara tinha para a avenida e, dentro da Câmara, havia arquitectos que diziam que o projecto tinha umas coisas salientes e não podia ser. Gerou muitas discussões mas acabaram por achar que era uma peça interessante. Mais tarde, foi premiado pela própria Câmara Municipal.

Há algum projecto que lhe tenha custado muito ficar na gaveta?

Sim, o Palácio da Justiça de Coimbra. Foi



ENTREVISTA

um concurso que ganhei mas, já na altura, o Ministério da Justiça andava a arranjar uma nova teoria que tem a ver com as cidades judiciárias. É uma ideia que só serve para não fazer concursos. Alugam uns edifícios de escritórios, enfiam lá dentro uma coisa a que chamam tribunal, mas os edifícios não estão preparados para isso. Em Coimbra houve polémica porque não me queriam entregar o trabalho a mim. Eu pus o ministério em tribunal e ganhei o concurso, mas anularam-no. Mais tarde, fizeram uma cidade judiciária, num edifício alugado, e ficaram a pagar renda durante 40 anos. Também estive pré-qualificado para os Palácios da Justiça de Faro e do Porto mas foram ambos anulados. Quem está agora encarregue do instituto que trata desses assuntos está a pôr tudo isso em causa e a mostrar que as rendas que o ministério paga são uma brutalidade e saem muito mais caro ao Estado do que fazer obras de raiz.

O que é que está a fazer agora?

Neste momento estou a fazer a recuperação de um edifício de uma escola em Portimão, com a BETAR. É uma obra que já está a meio, estamos na segunda fase. Correu bem até uma determinada altura mas agora, como mudou o Governo, está a ser mais difícil porque a Parque Escolar foi posta em causa. A obra não está em perigo mas vamos ver como corre. É um projecto interessante porque é a recuperação de uma escola dos anos 60, que tinha algum interesse arquitectónico, e que tivemos de pensar de modo a enquadrar o que já existia sem estragar o que lá estava. Preservámos e valorizámos, dentro do mesmo espírito, mas afirmando, ao mesmo tempo, uma coisa diferente.

E o que é que gostava de fazer a seguir?



Edifícios Ciência no Taguspark

Tive, há pouco tempo, uma ideia que podia ser muito importante para a locomoção dentro de Lisboa: criar um teleférico entre o novo porto de Lisboa - que está a ser feito em Santa Apolónia, pelo arquitecto Carrilho da Graça - e o Castelo de São Jorge. Tive a ideia de, a partir dessa localização, e da chegada de imensos passageiros nos navios, fazer a ligação entre o porto e o castelo. Apresentei o projecto ao Porto de Lisboa e ficaram extremamente satisfeitos. Depois apresentei à autarquia e não se interessaram. O teleférico tinha sítio onde ir parar, há um terreno baldio, encostado às muralhas do castelo, que pertence à Câmara de Lisboa. Fizemos um estudo prévio e percebemos que poderia movimentar mil e quinhentas pessoas por hora. Podia escoar os turistas que chegam nesses navios para conhecer a cidade e colocá-los no castelo, que é das zonas mais turísticas e um ponto central da cidade. O Porto de Lisboa disse que lhes resolvia imensos problemas porque têm de escoar aquelas pessoas todas dali em autocaros e táxis, mas a Câmara não se interessou pela solução. Ainda não desisti, vamos ver se consigo andar com o projecto para a frente.

ARTES

Visitar o Palácio da Pena é, agora, ainda mais interessante. A mais eclética colecção de vitrais do país está aberta ao público e apresenta relíquias dos séculos XIV a XIX. A não perder!

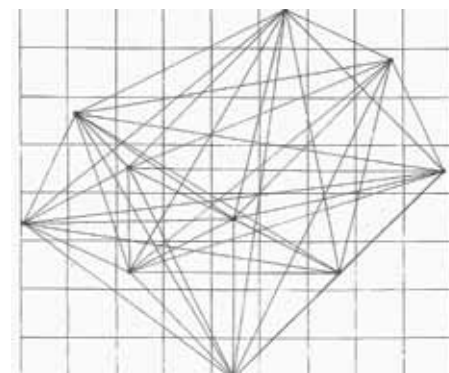
PALÁCIO NACIONAL DA PENA

Vitrais e Vidros: um gosto de D. Fernando II

Até, pelo menos, ao final do ano

Após uma campanha de cerca de dez meses de trabalhos de conservação, restauro e reconstituição, o Palácio da Pena abre as suas portas para mostrar, pela primeira vez, um notável conjunto de vitrais dos séculos XIV a XIX, no qual se inclui o mais antigo conhecido em Portugal.

Provenientes de igrejas, mosteiros, casas senhoriais e oficinas de artífices do centro da Europa, os vitrais chegaram ao nosso país através do rei D. Fernando II, que os mandou colocar no Palácio das Necessidades, em Lisboa. Em 1949, os 8 caixilhos foram transferidos e aplicados em algumas janelas da Pena. O palácio de Sintra já dispunha de vitrais noutras salas e na capela, produzidos em épocas diferentes, propositadamente para esses espaços. A excepcionalidade da ocasião motivou ainda a reorganização da colecção de vidros do palácio, por se tratar de uma das mais representativas colecções da história do vidro europeu.



CULTURGEST

Pedro Morais: MA – A dança dos pirilampus

Até 30 de Dezembro

Fruto de uma muito pontual presença nos circuitos artísticos, o trabalho de Pedro Morais permanece, em grande parte, desconhecido do público português. Efectivamente, entre 1982 e a actualidade, a sua obra foi apresentada em pouco mais que uma dezena de ocasiões. A mostra que o artista português apresenta no Chiado 8 assume os contornos de uma viagem. Estabelecendo o caminho como parte fundamental do projecto, Pedro Morais propõe como destino as experiências de um corpo instalado no espaço e dos múltiplos estímulos que dele emanam. As noções de tempo e de acontecimento são transversais ao seu trabalho. Entre o que vê e o que ouve, entre o que sente e o que o interpela, poderá o visitante tomar parte na construção de um amplo gesto cinestésico, em cujo lastro talvez se revele, discreta e paradoxalmente, a mais clara expressão da invisibilidade.

O Estoril Film Festival chega à capital. O alargamento justifica-se com a viabilização orçamental do evento. Uma marca da crise que, neste caso, faz com que o público saia a ganhar.



Lisbon & Estoril Film Festival

DE 4 A 13 DE NOVEMBRO

O conceituado e mediático Estoril Film Festival revela, este ano, uma agradável surpresa. A quinta edição do festival estende-se a Lisboa e, para além das salas habituais (Centro de Congressos de Estoril, Casino Estoril, Casa de Santa Maria e Casa das Histórias), prolonga-se para os cinemas Monumental e Nimas, CCB, Torre de Belém, Mosteiro de São Vicente de Fora e Museus da Politécnica.

Em antestreia nacional, apresentam-se os novos filmes de George Clooney (Nos Idos de Março), Pedro Almodóvar (La Piel que Habito), Gus van Sant (Restless), David Cronenberg (A Dangerous Method), Lars von Trier (Melancholia), e o vencedor do Leão de Ouro em Veneza, Faust, de Alexander Sokurov. Todos os filmes, excepto os de abertura e encerramento, serão exibidos nas duas cidades.

Haverá também homenagens aos realizadores William Friedkin, Wes Anderson, Léos Carax e Alexei German, bem como a duas figuras recentemente falecidas, o realizador Raul Ruiz e a actriz Katerina Golubeva, e um pequeno ciclo de obras clássicas, com filmes restaurados.



Fantástico Sr. Raposo,
na homenagem a Wes Anderson



La Piel que Habito, de Pedro Almodóvar



Doze homens em fúria

A popularidade duradoura deste drama, realizado por Lumet, deve-se a um conjunto de interpretações inteligentes, de reviravoltas repentinas e monólogos intensos. Ao contrário do que seria de esperar, o filme não se passa numa sala de audiências, mas sim num compartimento, onde os jurados se reúnem, durante uma única e sufocante tarde. A dúvida razoável e a argumentação do jurado número 8 conseguem, gradualmente, convencer os restantes membros do júri a alterar o seu veredicto apressado de culpado, no caso de um jovem rapaz acusado do homicídio do seu pai. A muito elogiada e

absorvente obra de estreia de Lumet não se envergonha da sua teatralidade e, em vez disso, tira partido de uma intensidade claustrofóbica. Doze homens em fúria é um mostruário de desempenhos que interagem entre si de forma soberba, sendo o contributo de cada actor inesquecível. Vencedor de um Urso de Ouro no Festival de Berlim, o filme tem o poder de habitar na nossa imaginação, despertando em nós o desejo de defender a justiça.

Título original:
12 Angry Men
De: Sidney Lumet
Com: Henry Fonda, Lee
J. Cobb, Martin Balsam
e Joseph Sweeney
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1957, 96min

Do fado de Aldina Duarte à pop de Britney Spears, as propostas são tão variadas quanto os gostos. Encontre-se nas nossas sugestões e desfrute de um bom espectáculo.



3 Pianos – Laginha, Burmester e Sassetti

Dia 25 de Novembro às 21h no CCB

CONCERTO

O que acontece quando três dos melhores pianistas portugueses se juntam em palco? Sucesso! Laginha, Burmester e Sassetti voltam a encontrar-se num concerto do projecto 3 Pianos. Encontram-se os pianistas e, com eles, géneros musicais diferentes e bagagens distintas. Por entre momentos a solo, duo e trio, o desafio é criar um novo brilho a partir da fusão.



Britney Spears

Dia 9 de Novembro às 20h30 no Pavilhão Atlântico

CONCERTO

Quem se lembrar do Rock In Rio de 2004, lembrar-se-á de uma boneca plástica aprisionada no seu próprio espectáculo, sem voz ao nível das expectativas. Era Britney Spears. Anos depois, a cantora mostra-se agora pronta a reclamar o lugar de princesa da pop. Certo, para já, é que o novo álbum entrou a matar nas tabelas de vendas e surpreendeu positivamente a generalidade da crítica.



Aldina Duarte

Dia 29 de Novembro às 21h30 na Culturgest

CONCERTO

“Quando canto também sonho; Nos concertos desejo um lugar de silêncio e revelação onde cada um por si, legitimamente, possa brincar consigo próprio às escondidas, imaginando no seu coração um esconderijo de ilusões e desilusões em desafio permanente, honesto e generoso”. As palavras são de Aldina Duarte e expressam aquilo que o seu trabalho representa.



Ballet National de Marseille

Dias 29 e 30 de Novembro às 21h no CCB

DANÇA

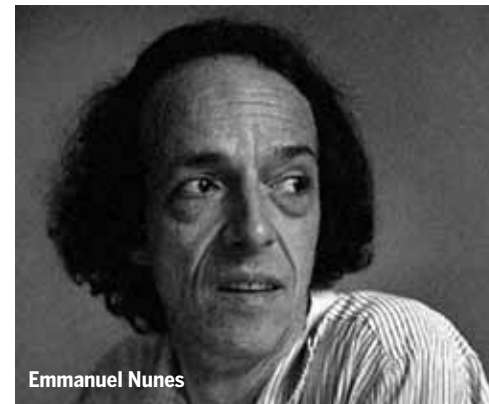
O programa que o Ballet National de Marseille apresenta no CCB reúne três dos mais importantes coreógrafos da actualidade – Frédéric Flamand, Lucinda Childs e William Forsythe – cada um com uma linguagem criativa e original, síntese entre a dança clássica e a dança contemporânea. Le trouble de Narcisse, Tempo Vicino e Herman Schmerman são as peças apresentadas.



Concertos em Novembro

por António Cabral

Este mês de Novembro é muito rico em acontecimentos musicais. Começamos pelo Simpósio de homenagem ao compositor Emmanuel Nunes coincidindo com o seu septuagésimo aniversário. Realiza-se na Culturgest. Será nos dias 4,5 e 6 (entrada gratuita). Ver programa em www.culturgest.pt.



Emmanuel Nunes

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A Fundação Gulbenkian transmite, em directo do MET de Nova York (uma das melhores casas de Ópera do mundo) as óperas “Siegfried” de Wagner, no dia 5 pelas 16 horas e “Satyagraha” de Philip Glass, no dia 19 pelas 18 horas (no Grande Auditório).

Para além disso a Fundação apresenta 12 Concertos. São todos de muita qualidade. Vou, a título de gosto pessoal, referir os seguintes Programas:

- Música do Sec. XX (Denisov, Takemitsu e Scriabin), dias 3 e 4, (K.Stockhausen), dias 10 e 11, (Golijov, Esa-Pekka Salonen, John Adams), dias 17 e 18
- Música do período Clássico (Haydn), dias 25 e 26, (Beethoven), dia 27
- Mais mais uma visita do grande pianista Sokolov (dia 13)
- Música Barroca (Vivaldi e Haendel) dia 14, (Zelenka e Bach) dia 29.

São Concertos para os mais variados gostos. Dos intérpretes, e para além de Solokov, os Maestros Peter Eotvos (10 e 11), Paul McCreesh (25 e 26), Thomas Hangelbrock (29), e o Contra-Tenor Jaroussky (14).

Consultar estes e os outros concertos em www.musica.gulbenkian.pt.

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

No Teatro S. Carlos, em Novembro, não há Ópera mas há 4 Concertos com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. São nos dias 5, 12, 19 e 26 sempre às 21 horas. Todos eles têm motivos de interesse para quem goste da música do Sec. XIX e, em particular, de Liszt. No dia 5 teremos Berlioz, Liszt (Piano e Orquestra) e Schumann (Sinfonia nº 1); no dia 12, uma obra raramente ouvida, A sinfonia Fausto de Liszt, com os Coros Lisboa Cantat e Coro do T.N.S.C, o tenor Tomas Mohr e o maestro Michael Zilm; no dia 19 a primeira audição de uma obra de Pinho Vargas e a 5ª Sinfonia de Mahler; finalmente a 26 de novo Liszt (piano e Orquestra) e Brahms (Sinfonia nº 3).

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Maestro Cesário Costa e o violinista americano Elmar Oliveira (medalha de ouro do Concurso Tchaikovsky). No Programa Duas Obras de Pinho Vargas, O Concerto nº 3 para Violino e Orquestra de Saint-Saens e a Sinfonia em dó maior de George Bizet (9/11 às 21 horas, no Grande Auditório - Concerto Inatel)

A riqueza do teatro está, em parte, na variedade dos temas. Da inocência de uma criança, à vida num bordel, muitas são as histórias que sobem ao palco. Eis as hipóteses de Novembro.



Tristeza e Alegria na Vida das Girafas

Este espectáculo baseia-se na história verídica de uma menina de nove anos que desapareceu durante um dia inteiro e atravessou Lisboa sozinha. Como os pais não conseguiam pagar o empréstimo do apartamento, a criança decidiu tentar resolver os problemas da família. No caminho, ainda aproveitou para fazer um trabalho para a escola entrevistando alguns desconhecidos com que se foi cruzando. Depois de um dia de perigos, desilusões e descobertas, acabou por ser encontrada. Entretanto já tinha decidido que o seu trabalho seria sobre girafas, porque são mais fáceis de explicar do que as pessoas. Baseando-se no trabalho escolar desta criança e em relatos reais dos intervenientes, Tiago Rodrigues dirige um espectáculo que aborda o universo infantil mas que é destinado ao público adulto.

Culturgest

Preço: €12

Data: 24, 25 e 26 de Novembro

Encenação: Tiago Rodrigues

Interpretação: Carla Galvão, Isabel Abreu, Miguel Borges, Pedro Gil e Tónan Quito



Quem tem Medo de Virginia Woolf?

“Se existir uma história daqui a alguns anos e eu fizer parte dela, atrevo-me a dizer que Quem tem medo de Virginia Woolf? será a peça que melhor se identifica com o meu nome”. Estas palavras foram proferidas por Edward Albee. Quem tem medo de Virginia Woolf? pode ser outra forma de dizer Quem tem medo do lobo mau? ou quem tem medo de uma vida sem ilusões? Obra-prima da dramaturgia contemporânea, esta é uma peça que nos leva até à sala de estar de George e Martha, numa noite de revelações, de jogos perigosos e de mútuas agressões. “O inferno pode ser uma sala de estar confortável e um casal insatisfeito”, diz Albee sobre este texto atarrador e comovente, onde as personagens se vão revelando à medida que se descobre a mentira e a ilusão que envolvem as suas vidas conjugais.

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: Entre €7,50 e €16

Data: De 24 de Novembro a 29 de Janeiro

Encenação: Ana Luísa Guimarães

Interpretação: Virgílio Castelo, Maria João Luís, Sandra Faleiro e Romeu Costa



O Convento

O Convento é um espectáculo desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo focada num convento franciscano em ruínas, na Serra da Fóia, no concelho de Monchique, onde habita uma família humilde constituída por uma mãe idosa, dois filhos, uma nora e dois netos. A pesquisa para a criação da peça centrou-se em quatro vertentes: o passado histórico do Convento; o ponto de vista sociológico da família que habita nas suas ruínas; a envolvente botânica que o rodeia, da qual fazem parte a mais antiga magnólia da Europa e um imponente conjunto de sobreiros milenares; e questões ambientais daquele microcosmos. Qual a dinâmica de apropriação de um monumento abandonado por uma família portuguesa com poucos recursos? Como cresceu a figueira na nave da igreja? São questões que se levantam...

Teatro Maria Matos

Preço: €12

Data: De 20 a 28 de Novembro (excepto dia 23)

Conceito, direcção e instalação: Luís Castro

Interpretação: Bibi Perestrelo e André Amálio



A Varanda

É uma das mais comentadas peças do século XX e também uma das mais desejadas e temidas pelos encenadores. Ao contrário do que o título poderia levar a crer, tudo nesta peça é fechado em si próprio. A Varanda é o nome de um bordel, dirigido por Irma e a sua ajudante Carmen, onde as prostitutas ajudam a construir fantasias para o prazer dos clientes que imitam ou espelham as relações patrão/escravo e rico/pobre e as estruturas do poder: Igreja, Justiça, Exército e Polícia. As cenas vão-se sucedendo até à cena da própria Morte, associada ao momento da derrota de uma Revolução que não se sabe se realmente se está a passar lá fora, ou se faz parte da ilusão. A violência política e poética do texto transformam esta peça num espécie de reflexo do nosso viver com os outros.

Teatro Cornucópia/Bairro Alto

Preço: €15

Data: De 10 de Novembro a 18 de Dezembro

Encenação: Luís Miguel Cintra

Interpretação: Beatriz Batarda, Dinarte Branco, Dinis Gomes, Duarte Guimarães, João Grosso, José Manuel Mendes, Luísa Cruz, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Ricardo Aibéo, entre outros.

Antiguidades do século V A.C., pinturas do século XVII e fotografias contemporâneas são as propostas de alguns dos principais centros de arte de Madrid e Paris.



Museu Thyssen-Boernemisza e Fundação Caja Madrid **Arquitecturas Pintadas**

Até 22 de Janeiro

A representação de edifícios em pinturas foi uma das opções usadas por vários artistas para enfatizar as cenas e episódios do quotidiano das sociedades onde se inseriam. As formações arquitectónicas constituem o fio condutor da exposição, que se estende do século XIV ao século XVIII, e que incidirá sobre a evolução da arquitectura. A mostra oferece também uma análise detalhada sobre as questões que contribuíram para a criação de um género pictórico que conheceu o seu auge no século XVII.

O Hermitage no Prado

De 8 de Novembro a 25 de Março

Esta exposição, organizada no âmbito de um acordo entre o Museu do Prado e o Hermitage, permite uma troca de colecções, sem precedentes, entre as duas instituições. Neste caso, a iniciativa permite ao público do Prado contemplar cento e setenta obras - incluindo antiguidades, objectos de artes decorativas, pinturas, esculturas e desenhos - do museu russo, que mostram a variedade e amplitudes artística e cronológica das suas colecções que vão do século V A.C. até ao século XX.



Grand Palais, Paris **Paris Photo**

De 10 a 13 de Novembro

Pela primeira vez, o Grand Palais recebe o Paris Photo, evento que oferece uma perspectiva única da fotografia do século XIX, moderna e contemporânea. Este acontecimento importante das artes mundiais, que celebra o seu 15º aniversário, reúne cerca de 120 galerias, provenientes de 30 países, e convida o público a descobrir um foco na fotografia africana. É um local de encontro internacional para entusiastas, coleccionadores e profissionais da fotografia.



Depois de um período “morto”, o teatro domina as actividades do mês de Novembro... no Porto, claro!

Música

CASA DA MÚSICA: REMA, agrupamentos emergentes de jovens instrumentistas especializados em Música Antiga (5); Helena Oliveira: “Essências açores”, música tradicional dos Açores (6); Joseph and James Tawadros, virtuosos do “oud” (9); Rui Oliveira: “Fados a Preto e Branco” (15); “Sopros Através dos Tempos” (18); Simon Trpceski, pianista macedónio (27); Girls, indie-rockers californianos (30); Battles + Suuns (3 dez). **COLISEU:** The Original Glenn Miller Orchestra (5); Aurea (11); GNR “30 anos voos domésticos” (12); Sérgio Godinho (16); Machine Head + Bring Me The Horizon + Devil Driver + Darkest Hour (18); Buraka Som Sistema (19); Suite da ópera Carmen de Bizet (20). **PAVILHÃO ROSA MOTA:** Caetano Veloso & Maria Gadú (5). **HARD CLUB:** Turisas + Gwydon, finlandeses com banda sonora “guerreira” (27)

Teatro

TEATRO DO BOLHÃO: “A Menina do Mar” de Sophia M. Breyner, enc. Joana Providência (8 a 27). **TNSJ,** Teatro da Rainha: “Dramolites 2 - Da Xenofobia” de Thomas Bernhard, dramaturgo austríaco, enc. Fernando M. Ramos (3 a 6); “A Voz Humana”, monólogo de Jean Cocteau por Emília Silvestre (18 a 4 dez). **TEATRO CARLOS ALBERTO:** “Cruzadas”, história de violência entre espadas e palavras divinas de Ewan Downie (4 a 13), “Monstros de Vidro” (24 a 4 dez). **MOSTEIRO S.BENTO DA VITÓRIA:** “Cântico dos Cânticos”, com música antiga ao vivo (23 e 24). **TEATRO DA VILARINHA,** Companhia Pé de Vento: “Ensalada Vicentina” de Gil Vicente (até 20).

À Descoberta do Porto

A construção da **SÉ** inicia-se no séc. XII e vai até ao princípio do séc. XIII. Sofre muitas alterações e o barroco começa a impor-se ao românico e ao gótico (1772) com a construção de um novo portal, balaustradas e cúpulas das torres, sendo também adicionada uma galilé à fachada lateral, obra do arq. Nicolau Nasoni. No interior possui três belos órgãos. Ao pé, poderá ver a **Casa do Beco dos Redemoinhos** de aspecto flamengo (séc. XIV), cuja fachada dava outrora para um animado largo do burgo, limitado a ocidente pela desaparecida charola da catedral, e a **Casa da Câmara** (séc. XV) ou Torre da Relação, considerada como 1ª sede do poder autárquico, onde se reuniam os 24 representantes dos vários mestres da cidade do Porto, que, depois de ter sofrido um incêndio (1875) e ficado em ruínas até 2000, foi reconstruída segundo o projecto do arq. Fernando Távora, sendo agora o Posto de Turismo.

E Ainda...

Seminário “Pensar com as mãos” de Alberto Campo Baeza, arquitecto espanhol com obra mundial (este ano inicia-se o Museu de Arte Italiana, em Nova Iorque): **CASA DA MÚSICA** (14). Graça Morais: **ÁRVORE-Coop.** de Actividades Artísticas (até 12). “Insomnia”, Fotografias de Carlos Medeiros: **TNSJ** (18 a 18 dez). “Da página para o espaço, esculturas de papel publicadas” e “Fotografias de Thomas Struth, 1978-2010”: **SERRALVES.**

Companhia Nacional de Bailado, “Du Don de Soi”, nome do lugar onde acontecerá o encontro imprevisto do coreógrafo Paulo Ribeiro com o universo cinematográfico de Andrei Tarkovski: **TNSJ** (11 e 12)

Este mês, a sugestão de leitura da Artes&Letras apresenta uma história que se podia ter passado no século XVII e outra que poderá ocorrer, quem sabe, no ano de 2020. Por Cátia Teixeira



Toni Morrison *A Dádiva*

Da autoria da primeira mulher negra a ser distinguida com o Prémio Nobel da Literatura (1993), *A dádiva* é um romance incontornável. A história passa-se na América do Norte, em finais do século XVII, onde as divisões sociais e religiosas eram profundas e opressões e preconceitos, muito violentos, tornaram fácil a implantação da escravatura. Jacob Vaark, um comerciante anglo-holandês, aceita uma menina negra, Florens, como pagamento de uma dívida. Sem compreender o acto desesperado de sua mãe, Florens pensa que esta a abandonou e encontra, nas mulheres da fazenda para onde foi levada, o afecto de que necessita para sobreviver. Nesta obra cativante, escrita de forma elegante, Morrison tenta sobretudo explorar a ideia de que todos os tipos de sujeição, do extremo da escravatura à beleza da paixão, são nocivos para a alma. Uma prosa delicada que se lê sem paragens.



A Dádiva

Toni Morrison
Editorial Presença,
2009



José Eduardo Agualusa *Barroco Tropical*

Aescrita de José Eduardo Agualusa tem sido muito diversificada. O autor já escreveu peças de teatro, livros para crianças, reportagens e relatos de viagens, e *Barroco Tropical* é um dos oito romances. A história é muito estranha. Uma mulher cai do céu durante uma tempestade. Só há duas testemunhas do acontecimento: Bartolomeu, um escritor e cineasta, e a sua amante. Empurrado pela veia de contador de histórias, Bartolomeu decide investigar o mistério. Estamos em Luanda, em 2020. Estranhas personagens vão cruzar-se com Bartolomeu e depressa ele se apercebe de que será a próxima vítima. Uma reflexão sobre o presente, o passado e o futuro, numa ficção onde a cidade de Luanda corre em direcção a um desastre.

Uma história louca, bem ao jeito de Agualusa, vencedor da edição deste ano do Prémio Independent – Ficção Estrangeira, com o livro *Vendedor de Passados*.



Barroco Tropical

José Eduardo Agualusa
Dom Quixote, 2009

Este mês, Maria do Carmo Vieira e Maria João Duarte são as vozes desta secção. Saiba quais são os seus filmes e obras preferidos.

Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Mark Herman

O Rapaz do Pijama às Riscas

Por um mero acaso dei por mim agarrada ao ecrã a seguir as peripécias de um rapazinho, em plena Alemanha nazi, enclausurado numa casa maldita fechada ao mundo, livre apenas nas escapadelas furtivas pelos bosques envolventes aos muros que asfixiavam a sua curiosidade infantil, e a sua ávida procura por um amigo, um amigo vestido com um “pijama às riscas”, com quem pudesse partilhar as brincadeiras.

Refiro-me ao filme “O Rapaz do Pijama às Riscas”, de 2007, dirigido por Mark Herman, com argumento do irlandês John Boyne.

O rapaz, privado do contacto com os seus amigos, e apenas na companhia dos pais, da irmã mais velha, de um soldado nazi com as funções de motorista (por quem a irmã nutre um sentimento especial), de um senhor esquelético vestindo um “pijama às riscas” que faz as tarefas da casa, e de um preceptor que lhe ensina as virtudes da salvaguarda de uma pseudo “raça ariana” face aos desprezíveis judeus, vive numa realidade ficcionada pelas palavras do pai que, sucessivamente, conseguem mantê-lo na mais pura inocência, não evitando, porém, o seu envolvimento num dos mais hediondos episódios da história: o holocausto.

A acção desenvolve-se junto ao campo de concentração, referido como “a Quinta”, comandado pelo pai do rapaz, recentemente promovido e deslocado de Berlim com a família, para liderar o genocídio dos judeus que se iam amontoando nas instalações do horror.

Nunca a confiança no seu pai é posta em causa, nem quando, até a mãe já não suporta a dura verdade dos acontecimentos que ocorrem, mesmo ao lado dos muros da casa que habitam, quando o cheiro a queimado invade o ar.

Anuncia-se o fim trágico quando o odioso cheiro se pressente mais uma vez, e o pai, num grito de horror, ao perceber que o filho atravessou o escudo protector que ele julgava ter criado em seu redor, corre desenfreadamente pelos bosques, seguido da esposa e filha, na esperança de não ser ele a vítima dos seus próprios crimes.

Quando tudo me parecia já ter sido escrito sobre o tema, fui surpreendida por esta obra que me orientou numa reflexão sobre os factos ocorridos, através dos olhos de uma criança, filha de um oficial nazi, que só pretendia ter um amigo para brincar, sem a mínima noção das consequências que as suas próprias acções poderiam desencadear. Intenso, inesperado e devastador.



Uma obra da minha vida

MARIA JOÃO DUARTE



A Neue Nationalgalerie em Berlim

Seja livro, filme ou obra, o problema é o mesmo...o que escolher? Já vi templos gregos magníficos, vilas romanas com infraestruturas que nem agora se constroem, arranha céus deslumbrantes, quiosques mimosos, bairros agradabilíssimos e muitos edifícios de arquitectos célebres (é certo que também vi construções incrivelmente feias e experiências arquitectónicas e urbanísticas lamentáveis!). Mas foi quando cheguei à Neue Nationalgalerie em Berlim que constatei que era possível executar um projecto na perfeição... confesso que não sei se o arquitecto, de nome Mies Van den Rohe, terá pensado o mesmo em 1968! Julgo que todos os arquitectos se sentem muito frustrados quando chegam ao estaleiro e constatam que o desenho que passaram horas a imaginar, os pormenores que lhes deram tantas angústias, perderam completamente o significado pela interpretação ligeira, a falta de rigor na construção ou as alterações que o Dono de Obra entretanto mandou executar. Quando se chega a um local onde o ambiente é quase o de um templo japonês, onde a depuração e enorme simplicidade realçam ainda mais os aspectos construtivos, onde tudo “bate certo” - a estereotomia do chão prolonga-se na subdivisão dos vãos e dos elementos estruturais subindo até ao tecto- acredita-se realmente que “menos é mais” e que algures no mundo é possível construir bem. No último ano da sua vida, com 81 anos, Mies V.Rohe, nascido Maria Ludwig Michael Mies em Aachen em 1886, projectou esta Galeria minimalista constituída por uma estrutura em aço e invólucro de vidro, que irá atravessar o tempo mantendo-se sempre moderna. Uma das suas premissas era “Deus está nos detalhes”. Não, neste caso é o arquitecto que está nos detalhes...e, claro, o construtor que os executa.

É por isso que escolho este edifício, porque demonstra que o mínimo se pode transformar em máximo e que o rigor compensa!





Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

DOMS INSTITUTE

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS COM
O ARQ. ANTÓNIO NUNES DE ALMEIDA

PALÁCIO DA JUSTIÇA DE SINTRA